

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ÉVELIN REZENDE ROLIM

**SOBRE A ORIGEM DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO: UMA
ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES**

Bagé

2019

ÉVELIN REZENDE ROLIM

**SOBRE A ORIGEM DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO: UMA
ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Taíse Simioni

Bagé

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

R748s Rolim, Évelin Rezende
Sobre a origem do português popular brasileiro: uma análise
de teses e dissertações / Évelin Rezende Rolim.
44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2019.
"Orientação: Taíse Simioni".

1. português popular. 2. sociolinguística. 3. concordância.
4. Sociolinguística laboviana. 5. variação linguística. I.
Título.

ÉVELIN REZENDE ROLIM

**A ORIGEM DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE
TESES E DISSERTAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras - Português e Literaturas de
Língua Portuguesa da Universidade
Federal do Pampa, como requisito
parcial para obtenção do Título de
Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05/12/2019.

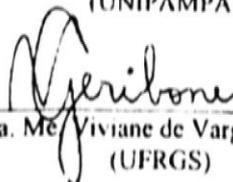
Banca examinadora:



Profa. Dra. Taise Simioni
Orientadora
(UNIPAMPA)



Profa. Dra. Helen Cristina da Silva
(UNIPAMPA)



Profa. M^c Viviane de Vargas Geribone
(UFRGS)

ÉVELIN REZENDE ROLIM

**A ORIGEM DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE
TESES E DISSERTAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras - Português e Literaturas de
Língua Portuguesa da Universidade
Federal do Pampa, como requisito
parcial para obtenção do Título de
Licenciada em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Taíse Simioni

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05/12/2019.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Taíse Simioni
Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Me. Viviane de Vargas Geribone
(UFRGS)

Profa. Dra. Hélen Cristina da Silva
(UNIPAMPA)

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus pela força e saúde para chegar até aqui.

À Prof.^a Dr.^a Taíse Simioni pela orientação deste trabalho. Pelo ser humano maravilhoso que és e pela profissional na qual eu me inspiro todos os dias, que sempre me apoiou e me incentivou a nunca desistir, que acreditou em mim em momentos que eu mesma não acreditava. Não há como mensurar na palavra “obrigada” tudo o que significou tê-la como orientadora.

Aos professores que fizeram parte da minha história de vida.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a estudar e a crescer como ser humano.

Ao meu esposo, que sempre esteve ao meu lado.

Aos familiares e amigos que sempre buscaram me ajudar nos momentos de dificuldade.

Aos colegas e amigos do Projeto Varlin.

Agradeço em especial as amigas Brenda Soder , Márcia Lopes e Luciane Lopes

À Prof.^a Dr.^a Isabel F. Teixeira, orientadora do Projeto Residência Pedagógica, que sempre me apoiou na trajetória de aprendizado profissional.

“A História demora fazer-se. As testemunhas oculares vão se apagando pouco a pouco, não aguentando o peso de idade e os efeitos dos sacrifícios que passaram.” (XITU, 1980, p. 17).

RESUMO

Este trabalho baseado nos pressupostos teórico metodológicos da sociolinguística laboviana, surge a partir da necessidade de entender a origem do Português Popular Brasileiro (PPB). O objetivo deste trabalho é compreender de que maneira teses e dissertações sobre concordância verbal e nominal abordam os processos responsáveis pela formação do português popular brasileiro. Temos duas teorias sobre o tema. A primeira é a linha contatista, segundo Lucchesi (2001, 2009, 2015,) defendendo que a origem do português popular brasileiro (PPB) apresenta como raiz o contato com os milhares de africanos que vinham para o Brasil através de um comércio de escravidão. O contato entre diferentes línguas teria ocasionado um processo de natureza crioulezante. A segunda hipótese vai contra a linha contatista e é defendida também por alguns linguistas como Naro e Sherre (2007a). A linha derivista tem como ideia principal a de que as variações que ocorreram no português europeu arcaico também se repetiriam aqui, de forma que o PPB seria resultado de uma deriva secular. Uma das marcas evidentes na variação em português popular é a baixa frequência de concordância nominal e verbal. Essa pesquisa tem como metodologia a análise de teses e dissertações que foram buscadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para a seleção do *corpus* foi utilizado o critério de busca pela palavra-chave “concordância”. Foram selecionados trabalhos a partir do ano de 2014, ano em que os trabalhos estão disponíveis para *download*. Para a análise foram levados em consideração trabalhos que abordam o PPB, trabalhos que tratam da variação tendo o português brasileiro como língua materna e por fim trabalhos que analisam a fala. Constituíram o *corpus* deste trabalho três teses e três dissertações ,totalizando seis trabalhos. Os resultados apontam para os seis trabalhos definindo PPB como sendo falado por pessoas que têm pouco acesso à educação, moradores de comunidades isoladas, moradores de periferia que estão na base da pirâmide social. Cinco dos seis trabalhos apontam para uma influência das línguas africanas sobre o Português Brasileiro, Dos seis trabalhos, quatro trazem o tema descrioulização apenas em discussões teóricas e um traz evidências do processo, dos cinco trabalhos um trás evidência do processo.

Palavras-Chave: Sociolinguística laboviana, português popular, concordância, variação linguística.

ABSTRACT

This work based on the methodological theoretical assumptions of the Labovian sociolinguistics, arises from the need to understand the origin of Brazilian Popular Portuguese (PPB). The aim of this paper is to understand how theses and dissertations on verbal and nominal agreement address the processes responsible for the formation of Brazilian popular Portuguese. We have two theories on the subject. The first is the contact line, according to Lucchesi (2001, 2009, 2015), arguing that the origin of Brazilian popular Portuguese (PPB) is rooted in contact with the thousands of Africans who came to Brazil through a slave trade. Contact between different languages would have led to a process of creolizing nature. The second hypothesis goes against the contact line and is also defended by some linguists such as Naro and Sherre (2007a). The main idea of the derivative line is that the variations that occurred in archaic European Portuguese would also be repeated here, so that the PPB would be the result of a secular drift. One of the hallmarks evident in the variation in popular Portuguese is the low frequency of verbal and nominal agreement. This research has as methodology the analysis of theses and dissertations that were searched in the Catalog of Theses and Dissertations of the Coordination of Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). The corpus selection was based on the search criterion for the keyword "agreement". Papers were selected from the year 2014, the year when the works are available for download. For the analysis were considered papers that approach the PPB, papers that deal with the variation with the Brazilian Portuguese as a mother tongue and finally papers that analyze the speech. The corpus of this work consisted of three theses and three dissertations, totaling six works. The results point to the six papers defining PPB as being spoken by people who have little access to education, residents of isolated communities, outskirts who are at the bottom of the social pyramid. Five of the six papers point to an influence of the African languages on Brazilian Portuguese. Of the six papers, four bring the theme of desuloulization only in theoretical discussions and one brings evidence of the process, of the five papers a back evidence of the process.

Keywords: Labovian sociolinguistics, popular Portuguese, agreement, linguistic variation.

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Atuação da variável faixa etária na ausência de marcas de concordância...24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A variação na concordância sujeito-verbo com a primeira pessoa do singular, do dialeto de Helvécia-BA, segundo a variável faixa etária	25
Quadro 2 - O paradigma da flexão número-pessoa do verbo de acordo com as variedades socioculturais do português brasileiro.....	26
Quadro 3 - Relação dos trabalhos analisados.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Sociolinguística variacionista	14
2.2 A norma padrão e a norma culta no Brasil.....	16
2.3 Transmissão linguística irregular x deriva na origem do português popular brasileiro.....	18
3 METODOLOGIA	30
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
REFERÊNCIAS DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE.....	44

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho a necessidade de entender as origens do português popular brasileiro (PPB) surgiu dentro do projeto de pesquisa Varlin (“Variação linguística: descrição, ensino e formação de professores”) no qual foi analisada, em 2018, a definição de português popular em livros didáticos de língua portuguesa utilizados por professores da rede pública de ensino na cidade de Bagé (RS). A não clareza de informações assim como a ausência delas levantaram os questionamentos desse trabalho sobre a origem do português popular brasileiro.

Segundo Mollica (2008, p. 10),

um país pode conviver com mais de uma língua, como é o caso do Brasil: somos plurilíngües, pois, além do português, há em nosso território cerca de 180 línguas indígenas, de comunidades étnico-culturalmente diferenciadas, afora as populações bilíngües.

É importante destacar que, além dessas línguas já mencionadas por Mollica, há uma imensa variação linguística em nosso território. Na variação linguística, temos um campo fértil e muitas vezes minado; algumas discussões sobre o assunto geram novos dados a cada dia e, ao mesmo tempo, geram várias divergências. São no sentido de entender essas discussões que surge o tema principal discutido nesse trabalho, que é entender quais são os processos responsáveis pela formação do português popular brasileiro.

A primeira é a hipótese de Lucchesi (2001; 2004), que, apoiado na análise feita pelo linguista Gregory Guy (2005), acredita, fundamentado principalmente na análise da concordância, que os processos crioulizantes no PPB ocorreram através do contato entre o português europeu (PE) com as línguas indígenas e africanas durante o período de escravidão. Com essa influência das línguas africanas teria havido um processo de crioulização seguido de um processo rápido de descrioulização¹ (GUY, 2005, p. 33-34). Sem evidências de uma língua crioula brasileira, Lucchesi (2001; 2004; 2009a; 2015; 2019) caracteriza esse processo como transmissão linguística irregular (TLI).

¹ Conceito a ser discutido na seção 2.3 deste trabalho.

Em contrapartida, linguistas como Naro e Sherre (2007a) mantiveram firme a posição a favor de um processo derivista e não contatista, apoiados na ideia de deriva secular que garante que as variações em português popular brasileiro derivaram de variedades já existentes em português arcaico, sendo assim naturalmente a repetição desses traços teria ocorrido no Brasil.

A variação na concordância nominal e verbal em PPB é um dos fenômenos que se destaca ao levar em consideração esse debate, pois a falta de concordância tanto nominal quanto verbal são marcas presentes na maioria das línguas que sofreram processo de natureza crioulizante, sendo ela, portanto, uma das principais características percebidas na variedade popular.

Assim este trabalho busca responder a seguinte pergunta: como a discussão sobre a concordância, feita em teses e dissertações, pode contribuir para a compreensão sobre as origens do PPB?

O objetivo geral deste trabalho é compreender de que maneira teses e dissertações sobre concordância abordam os processos responsáveis pela formação do português popular brasileiro.

Os objetivos específicos desse trabalho norteiam-se em direção de:

1. Identificar como teses e dissertações sobre concordância definem o português popular brasileiro;
2. Verificar se as teses e as dissertações sobre concordância no Brasil atualmente levam em consideração a linha contatista ou a linha derivista na formação do português popular brasileiro;
3. Observar se as pesquisas mencionam a ideia de descrioulização.

Este trabalho justifica-se a partir da necessidade de observar duas abordagens que divergem entre si: a linha contatista e a linha derivista. A proposta neste trabalho não é discutir qual abordagem está certa, mas olhar para o campo da pesquisa científica a fim de entender de que maneira o português popular é visto e analisado a respeito de sua origem, já que a dificuldade em obter dados concretos sobre como foram ocasionadas as mudanças no PPB ainda gera grandes discussões no meio acadêmico.

O trabalho se organiza em quatro capítulos. Após a introdução, no segundo capítulo, é apresentada a fundamentação teórica, que se subdivide em três seções: a primeira abordara a sociolinguística laboviana; a segunda abordará sobre os conceitos de norma padrão e norma culta; e finalmente uma terceira subseção apresenta a linha contatista e a linha derivista. Na sequência, o terceiro capítulo apresenta a metodologia, o quarto capítulo trata dos resultados e, finalmente, o quinto capítulo apresenta as conclusões.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo se organiza em três seções. A primeira aborda a sociolinguística laboviana; a segunda discorre sobre os conceitos de norma padrão e norma culta; e finalmente na terceira subseção são apresentadas a linha contatista e a linha derivista.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Na sociolinguística há a preocupação em observar a variação que a língua manifesta dentro da sociedade. Para Mollica (2008, p. 10), “A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”.

Para William Labov (2008, p. 215,) a sociolinguística “se concentra no uso da língua dentro de uma comunidade de fala”. portanto, havendo no mundo múltiplos grupos sociais e comunidades de fala, o interesse da sociolinguística em conhecer e analisar essas comunidades e variações aumenta ainda mais, pois “considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais e dos grupos maiores” (MOLLICA, 2008, p. 10).

São muitas as áreas de interesse dos estudos sociolinguísticos, como “o contato entre línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística” (MOLLICA, 2009, p. 10), e uma dessas áreas, que tem relação com o tema desta pesquisa, trata das origens do português popular no Brasil, que é considerado uma variedade linguística.

Mollica (2008, p. 15) ainda ressalta que o termo “variável” está ligado a um fenômeno em variação e que cabe à sociolinguística “investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação e diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo”. Podemos dizer que dentro da variação linguística temos variantes que tendem a ser mais aceitas e outras menos aceitas dentro da sociedade. Cabe à sociolinguística fazer esse estudo em busca de entender esses fenômenos e por que eles ocorrem.

Mollica (2008) explica o conceito de variante:

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes, entendemos então

por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável (MOLLICA, 2008, p.11).

A concordância verbal é um dos exemplos de variável linguística. Esse fenômeno apresenta duas variantes: presença da marca de concordância (*Eles trabalham*) e ausência da marca de concordância (*Eles trabalha*). A segunda variante é recorrente na fala popular e acaba sendo fortemente estigmatizada.

Na seção 2.2 é traçado um percurso histórico da formação da norma padrão e da norma culta no Brasil para entender as origens de alguns comportamentos perante a língua e os fenômenos de variação linguística.

2.2 NORMA PADRÃO E NORMA CULTA NO BRASIL

O conceito de norma, segundo Faraco (2008, p. 33), “surgiu da necessidade de estipular um nível teórico capaz de captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua”. Hoje, no Brasil, temos a norma culta, a norma padrão e a norma popular², que será discutida na próxima seção 2.3. Para Faraco (2008, p. 37), o conceito de norma está relacionado “a fatos comuns e recorrentes numa determinada comunidade de fala”.

A norma padrão foi se constituindo ao longo do processo de independência do Brasil no século XIX. O país, apesar de querer se distanciar de Portugal e ser independente politicamente, queria ao mesmo tempo manter-se cultural e linguisticamente unido aos padrões europeus. Mas esse modelo de língua padrão não foi uma regra implementada pelos portugueses e sim uma ideia da própria elite brasileira, como afirma Faraco (2008).

Nesse momento histórico, a elite, que tinha a posse dos recursos de educação e bens culturais, estava interessada em formar uma sociedade branca europeizada e procurava manter-se longe do que muitos chamavam de “abrasileiramento da língua”, como afirma Pagotto (1999, p. 55). A ideia era se distanciar do “vulgo”, ou seja, da fala popular que para a elite brasileira se constituía em um incômodo em seu projeto linguístico ideal.

² Faraco (2008) menciona ainda o conceito de norma gramatical e norma curta, porém não iremos discutir esses conceitos aqui, uma vez que eles não são essenciais para a discussão realizada nesse trabalho.

Vale também lembrar que mais à frente a elite defenderia “abertamente, a chamada higienização da raça” que na realidade nada mais era do que o embranquecimento da população (FARACO, 2008, p. 110). É nesse mesmo período que o escritor José de Alencar foi fortemente atacado, já que em sua obra trazia muitos dos traços da realidade da cultura brasileira e seus costumes na forma de escrita, fazendo referência aos nativos que aqui já habitavam antes da chegada do colonizador.

Já a norma culta é uma variedade de uso daqueles que possuem um nível maior de escolaridade em uma situação na qual o falante se monitora mais. O que ocorre muitas vezes é que outras variedades que não correspondem à norma culta acabam não sendo aceitas como parte de uma língua heterogênea e variável. Muitos gramáticos normativos consideram essas variações como erros, quando na verdade, elas fazem parte do cotidiano de todos. Isso constitui,

sem sombra de dúvida, um sério (e secular) equívoco de análise da realidade linguística do nosso país: o que se chama de “erros” comuns – por serem justamente “erros” de todos – constituem, na verdade, características definidoras do português brasileiro urbano comum (FARACO, 2008, p. 51)

O fato é que, mesmo com as mudanças que ocorrem a todo o momento em torno da língua, essa norma culta não perde seu valor e prestígio e segue servindo como espelho para a língua falada, fazendo com que aqueles que não se encaixam dentro dos moldes exigidos sofram julgamentos e sejam considerados falantes “incultos ou ignorantes”. Como sugere Faraco,

Há, na designação de norma culta, um emaranhado de pressupostos e atitudes nem sempre claramente discerníveis. O qualificativo “culto”, por exemplo, tomando o sentido absoluto, pode sugerir que esta norma se opõe a normas “incultas”, que seriam faladas pelos desprovidos de cultura (FARACO 2008, p. 56).

O objetivo desta seção foi discutir um pouco sobre o tema norma padrão e norma culta a fim de entender alguns aspectos que envolvem a cultura do “erro”. Na seção 2.3 são abordados os conceitos de transmissão linguística irregular e deriva secular na origem do português popular brasileiro.

2.3 TRASMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR X DERIVA NA ORIGEM DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO

No português brasileiro, temos muitas variedades linguísticas. E uma delas é a norma popular brasileira. Duas são as hipóteses levantadas sobre a sua origem: uma derivista e a outra contatista.

Colaborando a favor da ideia de deriva, temos os estudos de Naro e Scherre (2007 a, b, c) que defendem inicialmente que são poucos os dados referentes à origem crioula do português popular, com base na ideia de que existem várias outras forças que colaboraram para a formação do português popular no Brasil, muitas delas de origem europeia. Portanto, as mudanças que ocorreram no português brasileiro teriam surgido naturalmente, pois no português europeu arcaico as mudanças e variações em concordância verbal e nominal também estavam presentes no sistema linguístico (NARO; SCHERRE, 2007c, p. 155).

Outro dos argumentos defendidos pelos autores é o de que, muito antes da chegada dos colonizadores aqui no Brasil, esses portugueses já haviam tido um histórico de contato com outros povos e países que não dominavam seu idioma, entre esses, os países de origem árabe e africana, por exemplo, e já partiam de um método criado para a comunicação. Os primeiros contatos resultantes das explorações navais na África ocidental geraram o que os portugueses chamavam de “língua de preto”. Esse termo mais à frente foi reestruturado para “língua de reconhecimento” (NARO; SCHERRE, 2007a, p. 27-28).

Outra ideia a favor da deriva que os autores discutem é a de que no Brasil tanto índios quanto africanos usavam a língua geral de origem tupi para se comunicar. Os autores chamam a atenção para o fato de que não há nenhum registro histórico de que a língua falada pelos primeiros descendentes de africanos seria outra se não a língua geral de base tupi (NARO; SCHERRE, 2007a, p. 28).

O fator geográfico seria um dos pontos que poderia ser analisado, partindo da ideia de que onde havia a maior concentração de africanos também poderia nos dias de hoje haver indícios ou traços, mesmo que pequenos, de uma possível origem crioula. Os linguistas Naro e Scherre(2007) apresentam a discussão descartando essa possibilidade já que muitas regiões onde havia o maior número de escravos concentrados, no século

XIX, atualmente não apresentam nenhum traço de natureza crioulezante, com exceção de alguma comunidade isolada (NARO; SCHERRE, 2007a, p. 46).

Os autores ainda ressaltam que a ideia não é descartar todas as possibilidades de que o contato com africanos tenha gerado um processo de crioulezamento, levando em consideração que as línguas de diferentes povos que aqui habitavam se misturavam, influenciando uma à outra. Discutem ainda que a falta de concordância seria um dos pontos a favor da crioulezamento, mas que essa ausência também pode ser encontrada nas variações das falas do PE, novamente reforçando a ideia de que a variação na concordância é um fenômeno presente nas gramáticas do português arcaico e moderno de Portugal. Portanto, o que ocorreu aqui nada mais seria do que um processo evolutivo natural da língua:

O português moderno do Brasil é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal indubitavelmente exagerada no Brasil, pela exuberância de contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e pela nativização dessa língua pelas comunidades formadas por esses falantes (NARO; SCHERRE, 2007b, p. 69).

A ideia em torno da não crioulezamento e a favor da deriva se reforça na seguinte conclusão de Naro e Scherre (2007a, p. 47):

Se existiu uma verdadeira língua crioula, caracterizada como sendo de “léxico português e gramática africana”, ela cedo se evaporou sem deixar rastros na documentação. Sua possível influência no desenvolvimento do português do Brasil seria indistinguível da de outros eventuais pidgins ou crioulos de base europeia.

Também a favor da hipótese de deriva, Tarallo (1996) defende que esse processo de mudança linguística que influenciou o PPB se constitui através de mudanças que não caracterizariam a crioulezamento e, sim, diferenças dialetais. Seu interesse não é negar a origem do PPB, mesmo destacando fortemente em seu texto que se sabe muito pouco sobre a história envolvendo a formação de um “possível” crioulo. Na sequência, o autor defende a ideia de que não há o processo de descrioulezamento. Esse processo descrioulezante ocorre quando a língua crioula converge em direção à norma de prestígio. Segundo Tarallo (1996), não haveria evidências de descrioulezamento uma vez que o português brasileiro não estaria se aproximando do português europeu:

com base no que já se conhece até hoje sobre a história externa do PB, pretendo descrevê-lo como uma língua do tipo misto: uma língua que, absurda, inesperada e estranhamente, compartilha propriedades com línguas

não relacionadas, quer crioulas ou não, e que está se distanciando do *superestrato* original: PE (TARALLO, 1996, p. 38).

Na discussão sobre a negação da descrioulização, Tarallo (1996) demonstra que o falante do português brasileiro tem a tendência a reter a forma pronominal na função de sujeito e deixar o objeto vazio, enquanto o falante do português europeu tem a tendência a deixar o sujeito vazio e preencher a posição de objeto. O exemplo abaixo, é oferecido pelo autor. Ao responder a mesma pergunta, a tendência, no português brasileiro, é preencher o sujeito e deixar o objeto vazio (1) e, no português europeu, a tendência é deixar o sujeito vazio e o objeto preenchido (2).

Paulo viu Maria ontem?

(1) Sim, ele viu (Ø). (SUJEITO PREENCHIDO/OBJETO VAZIO = PB)

(2) Sim, (Ø) a viu. (SUJEITO VAZIO/OBJETO PREENCHIDO = PE)

Nos exemplos acima, conseguimos perceber uma distância sintática entre PB e PE, confirmando, segundo Tarallo (1996), a ideia de que não houve esse processo de descrioulização, sendo que para haver uma aproximação entre PB e PE teria que ocorrer uma mudança muito grande na sintaxe já existente, o que por sua vez implicaria em uma mudança radical e uma reversão de regras já existentes predominantemente.

Por outro lado, com relação à abordagem contactista, segundo Guy (2005, p. 18), uma língua crioula se forma através de um pidgin que por sua vez não é uma língua de falantes nativos, mas sim uma língua utilizada apenas na tentativa de comunicação a partir do momento que os falantes deixam de se comunicar por intermédio da sua L1 e entram em contato com uma L2 do grupo dominante. Com o passar do tempo, as crianças que nascem acabam entrando em contato com uma língua que não é nem a materna dos pais e nem a do grupo dominante, e em situações de pouco acesso à língua dominante se cria uma nova língua chamada crioulo. Para Lucchesi (2001) o contato massivo entre o português europeu e línguas africanas e indígenas, entre o século XVI e meados do século XIX, gerou não uma língua crioula mas sim um processo de transmissão linguística irregular leve, tema sobre o qual tratamos adiante.

Temos que levar em consideração que, nessa perspectiva, as línguas africanas teriam tido mais influência na formação do português popular do que as línguas indígenas, pois, como explica Lucchesi (2001),

A grande mortandade da população indígena, devido às doenças e à violência dos colonizadores europeus, associada à resistência cultural do índio ao trabalho forçado e à oposição da igreja à escravidão indígena, leva-nos a crer que o papel desempenhado pelo elemento nativo tenha sido muito menos significativo do que o desempenhado pelos segmentos afro-brasileiros (LUCCHESI, 2001, p. 100).

Lucchesi (2004) defende a ideia de que a realidade linguística brasileira “não é apenas variável, mas também polarizada, podendo-se definir nela dois grandes subsistemas, também eles heterogêneos e variáveis que defini como NORMAS” (LUCCHESI, 2004, p. 76). São elas a norma culta e a norma popular ou vernacular. Em um desses polos, representado pela norma culta, está a camada média e alta da elite brasileira e no outro polo, representado pela norma popular, estão as camadas mais pobres, consideradas inferiores. A ideia defendida pelo linguista, como mencionamos anteriormente, é a de que o português popular sofreu grandes mudanças linguísticas através do contato com os africanos que chegavam aqui no Brasil, onde aprendiam o idioma através de diversas formas, como, por exemplo, o contato entre senhores e escravos ou a língua passada entre gerações de filhos de escravas e senhores:

O português aprendido de oitiva, em situações sociais extremamente precárias, e que era a língua de intercurso entre escravos e capatazes e senhores, e entre escravos de etnias diversas, constituiu o principal modelo para a nativização do português entre os descendentes desses escravos, sejam os provenientes de cruzamento de escravos de diferentes etnias, sejam oriundos do cruzamento do colonizador branco com as mulheres escravas (LUCCHESI, 2001, p. 101).

Desde o século XVI até o século XIX, uma pequena parte da população brasileira se concentrou nos centros urbanos e a outra parte se distanciou do litoral, local em que a elite se concentrava, e se agrupou no interior do país, onde a fala era levada não pela elite letrada, mas sim pela “fala rude e plebeia dos colonos pobres” (LUCCHESI, 2004, p. 77). Nesse cenário instaurava-se a formação de uma grande

divisão social, que permanece até os dias de hoje, pois com essa separação vinha a marginalização da população mais carente, aumentando a distância linguística.

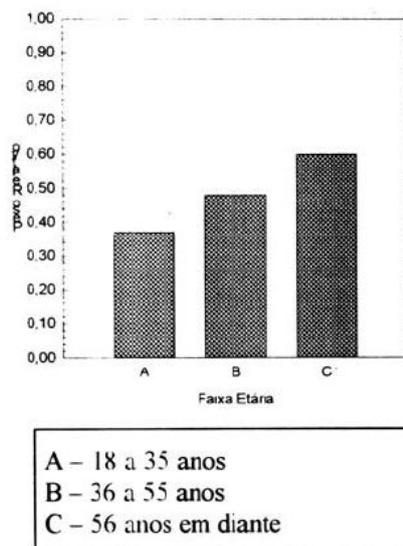
No século XX ocorre a industrialização, marcando outro episódio dentro do cenário linguístico brasileiro (LUCCHESI, 2001; 2004). Para trabalhar nas grandes fábricas e indústrias, o governo decide implementar um sistema mais eficaz de educação, pois era necessário um nível maior de escolaridade, já que o desenvolvimento tecnológico das máquinas demandava mão de obra especializada. Além disso, com o processo de urbanização a partir de 1940, como sugere Lucchesi (2004, p. 80), os meios de comunicação em massa se expandem e chegam às pequenas comunidades rurais, tendo forte influência sobre as camadas que antes não tinham acesso amplo à informação, proporcionando assim uma mudança do padrão linguístico. Isso se dá pelo contato entre as camadas média e alta e as camadas baixas, levando ao apagamento das marcas radicais de traços criouliizantes.

Então estaria o português popular se aproximado do português culto? Lucchesi (2001; 2004; 2009b; 2012; 2015) afirma que sim, já que, com esse processo de mudança causado pela urbanização e industrialização, a norma popular se aproximaria da norma culta e a norma padrão estaria se afastando da norma culta. Já entre o final do século XIX e início do XX, eram muitos os imigrantes de diferentes etnias que vieram para o Brasil e, ao chegarem aqui, o primeiro contato linguístico que tiveram foi com o português popular, que era falado por capatazes e ex-escravos. Com as mudanças ocorridas nesse processo, “esses imigrantes ascenderam rapidamente na estrutura social, levando para o seio da norma culta algumas das estruturas de matriz popular” (LUCCHESI, 2004, p. 80). Portanto, é por meio desses contatos que há alguns indícios de que a fala popular penetrou nas camadas mais elevadas da sociedade brasileira. Lucchesi (2004) resume a aproximação entre a norma popular e a norma culta da seguinte maneira:

No decorrer do século XX, enquanto no português popular se verifica uma tendência de mudança “para cima”, não em direção aos padrões normativos, mas em direção ao padrão urbano culto (ou semiculto), no português culto, assiste-se a uma tendência de mudança de afastamento do padrão normativo de matriz europeu, uma mudança que se pode definir como “para baixo”. Se é clara a influência “de cima para baixo” sobre as camadas populares, pode-se postular também uma influência de “baixo para cima” sobre as camadas médias e altas (LUCCHESI, 2004, p. 80).

Um dos fenômenos analisados por Lucchesi (2001) para atestar as mudanças do PPB está fundamentado no trabalho de Vieira (1997), no qual é analisada a concordância verbal de 3º pessoa do plural, estratificada por faixa etária, em uma comunidade de pescadores do Norte Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. Se entende que “a não-realização da regra de concordância verbal, no Português do Brasil, constitui, sem dúvida, um traço de diferenciação social de cunho estigmatizante” (VIEIRA, 1997, p. 115). Como resultado desta pesquisa, foi observado que pessoas mais novas tiveram índices de concordância maior do que os mais velhos, como pode ser observado no Gráfico 1. Deste modo, o estudo de Vieira aponta positivamente para a aproximação entre português popular rural e a fala urbana culta, atestando as mudanças de cima para baixo mencionadas por Lucchesi (2001, 2009b). As evidências de mudança em direção aos modelos da norma culta, como as que Vieira (1997) traz, podem ser indícios de uma possível natureza descrioulizante do português popular do Brasil. A pesquisadora, ainda, destaca o fato de a pesquisa ter surpreendido com o resultado dos falantes mais jovens realizarem mais as marcas de concordância, pois a hipótese da pesquisa previa o contrário. A autora argumenta que, muitas vezes, o pesquisador estabelece critérios baseado na sua própria norma e não na do informante (VIEIRA, 2007, p. 130).

Gráfico 1 – Atuação da variável faixa etária na ausência de marcas de concordância



Fonte: Vieira (1997, p. 129)

Lucchesi (2001; 2009b) destaca ainda que os dados e registros sobre a fala popular em meados do século XVI até meados do século XIX são raros. Dessa forma não se pode fazer afirmações categóricas sobre a origem da norma popular. Os dados para evidenciar esses processos de origem criouliizante do português popular são obtidos pelo autor através da análise da fala da comunidade de Helvécia, no interior do estado da Bahia, onde ainda existem antigos quilombos. Na fala dos membros mais velhos notam-se traços de natureza criouliizante:

é preciso avançar nessa direção e buscar, em pelo menos alguns dialetos dessa variedade lingüística, estruturas que apontem para um estágio anterior de drásticas simplificações e profundas alterações, que caracterizam processos de mudanças criouliizantes. Certas comunidades rurais afro-brasileiras que, ainda hoje, permanecem em uma situação de relativo isolamento, e que, em muitos casos, são constituídas por descendentes dos membros de antigos quilombos ou por descendentes dos escravos de plantações ou minas que permaneceram nessas localidades, parecem constituir o campo de pesquisa ideal para a obtenção dessas estruturas. A comunidade de fala de Helvécia, situada no extremo sul do Estado da Bahia, enquadra-se nesse perfil. Constituída, em sua ampla maioria, por descendentes de escravos dos grupos lingüísticos kwa e banto, trazidos para as plantações de café da antiga Colônia Leopoldina, instalada na região, a partir de 1818, a comunidade se manteve em relativo isolamento até o início da década de 70, devido à precariedade das suas vias de acesso (LUCCHESI, 2001, p. 107).

Para Lucchesi (2001, p. 105), os dados da pesquisa em Helvécia são fundamentais e apontam positivamente para evidências de um processo criouliizante e

também descrioulizante na medida em que as pessoas mais jovens têm acesso aos meios de comunicação e também à escolarização e, com isso, tendem a perder essas características ao longo do tempo. Tarallo (1996), como vimos, nega a descrioulização baseando a sua análise em dados da norma culta. Lucchesi (2001) rebate esse argumento afirmando que a análise de Tarallo (1996) apenas traz indícios da mudança de baixo para cima que ocorre na norma culta e que para evidenciar de fato esses mecanismos de natureza descrioulizante seria necessário fazer uma análise mais profunda olhando para a norma popular, que é onde esses fenômenos estão ocorrendo.

Com base nos dados coletados na comunidade de Helvécia, trazemos a análise de Lucchesi (2001; 2004; 2009b; 2015; 2019) a favor do processo descrioulizante (Quadro 1) e, em seguida, apresentamos sua perspectiva a favor de um processo crioulizante ou, como o autor chama, processos de transmissão linguística irregular leve (Quadro 2).

No caso da concordância, os estudos mostram um processo de implementação do uso das regras de concordância na comunidade de fala de Helvécia. Semelhante ao processo descrioulizante que ocorre nos estudos de Vieira (1997), esses estudos apontam para mudanças que afetaram as marcas crioulizantes, que com o processo de urbanização e principalmente com a escolarização tendem a desaparecer. Nesse caso a linguagem dos mais jovens, que antes era influenciada pela linguagem dos mais velhos, passa a sofrer mudanças, confirmando o processo descrioulizante.

Quadro 1 – A variação na concordância sujeito-verbo com a primeira pessoa do singular, do dialeto de Helvécia-BA, segundo a variável faixa etária

FAIXA ETÁRIA	Nº DE OCORRÊNCIAS DE APLIC. DA REGRA	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Mais de 60 anos	752/1154	65%	.21
40 a 60 anos	787/920	86%	.51
20 a 40 anos	1017/1060	96%	.80

Fonte: Lucchesi (2001, p. 114)

Mesmo comunidades como Helvécia, que são isoladas geograficamente e apontam para uma fala com características crioulizantes, sofrem com as mudanças em curso ao longo da história, o que resulta no “desaparecimento dessas marcas em função da influência do modelo urbano culto” (LUCCHESI, 2001, p. 124). Portanto, o autor se fundamenta na ideia de que ocorre processo descrioulizante, partindo de um pressuposto de que a norma popular se aproxima da norma culta, deixando clara a sua posição sobre polos distintos, mas que, em dado momento na história, se aproximam.

Quadro 2 - O paradigma da flexão número-pessoa do verbo de acordo com as variedades socioculturais do português brasileiro

NORMA PADRÃO	HELVÉCIA
Eu trabalho	eu trabalha/ trabalho
tu trabalhas	tu/você trabalha
Ele trabalha	ele trabalha
nós trabalhamos	nós/a gente trabalha/ trabalhamo
vós trabalhais	vocês trabalha/ trabalham
Eles trabalham	eles trabalha/ trabalham

Fonte: Lucchesi (2001, p. 118)

A favor do conceito de transmissão linguística irregular, o quadro 2 mostra os dados da fala da comunidade de Helvécia em que as situações de isolamento teriam propiciado uma mudança semelhante aos processos crioulizantes encontrados em outros países onde até mesmo a primeira pessoa do singular (P1) sofre mudança em sua morfologia flexional. Lucchesi (2001) afirma que

O quadro de variação observado em Helvécia, relacionado com o dos demais dialetos populares, aponta, portanto, para um sistema anterior em que a deterioração do sistema flexional atinge o paradigma como um todo. Após

essa drástica redução, se teria iniciado um processo de implementação da regra de concordância, a partir da primeira pessoa do singular (LUCCHESI, 2001, p. 117-118).

Segundo Lucchesi (2019), para que a crioulização aconteça, “é preciso que haja uma ruptura radical na transmissão da língua do grupo dominante para o grupo dominado” (LUCCHESI, 2019, p. 229). Para isso é necessário que o grupo dominado esteja em uma situação de isolamento onde, para conseguir se comunicar, os indivíduos acabam criando uma nova língua. Apesar de alguns dados mostrarem que no Brasil não houve esse processo completamente, não podemos descartar essa possibilidade, levando em consideração que, como verificamos anteriormente, os dados de Helvécia colaboram para esta hipótese. Sendo assim, como resultado, Lucchesi (2001; 2019) defende a posição a favor de um processo de transmissão linguística irregular leve na formação do português popular brasileiro já que nesse caso não houve de fato a geração de um crioulo legítimo, porém não se pode descartar a influência que o contato com os africanos causou no sistema de fala de algumas comunidades isoladas e que podemos perceber até hoje, como é o caso da comunidade de Helvécia, em que até mesmo a primeira pessoa do singular foi afetada em sua morfologia flexional. Portanto, não há evidências a respeito de uma língua crioula em território brasileiro, ao contrário de outros países que também tiveram um número elevado de escravos, como foi o caso do Caribe.

Alguns fatores levantados recentemente por Lucchesi (2019) apontam uma série de motivos pelos quais a crioulização ocorreu no Caribe e não no Brasil. O primeiro fator é que aqui, diferentemente do Caribe, apesar da imensa demanda de escravos, muitos deles se encontravam em grupos muito menores nas plantações de café, algodão ou outros tipos de trabalho como mineração de ouro. No Caribe as plantações eram maiores e o número de escravos dentro delas era muito superior, possibilitando assim a criação de uma língua crioula. Mas o fator importante é que, para haver crioulização, esse grupo de escravos deveria ter menos contato com a língua alvo, no Brasil acesso à língua alvo era muito maior, diferentemente do Caribe, onde os grupos eram maiores e se encontravam em maior isolamento.

O segundo fator destacado por Lucchesi (2019) é a mestiçagem, ou seja, filhos das escravas com o colonizador branco tinham mais chance de ascender socialmente, afinal sua pele era mais clara do que a dos demais, possibilitando que esses mestiços ou mulatos fossem mais aceitos na sociedade e tendo mais contato com as variedades cultas, assim a chance de haver criouliização diminuía.

Segundo Lucchesi (2019), além disso, no Brasil, houve uma enorme expansão da pecuária, o que gerou uma grande movimentação de grupos de um lugar para outro. No meio do caminho, esses grupos passavam por quilombos que eram devastados. No período do ciclo do ouro, a exploração escrava crescia, porém os grupos não se mantinham por muito tempo em determinada região, neste caso o isolamento era menor, possibilitando assim mais contato com a variedade do grupo dominante.

O princípio geral da linha contatista é o de que, quanto menos contato com a língua dominante, mais chance de haver criouliização, e quanto mais contato menos chance de haver criouliização, como foi o caso do Brasil, onde esse processo pode ser denominado como transmissão linguística irregular (TLI) leve. Lucchesi (2019) destaca ainda que, embora haja algumas evidências de um possível crioulo formado principalmente no Nordeste brasileiro, sua expansão não foi representativa (LUCCHESI, 2019, p. 230). A TLI ocorre quando uma língua sofre alterações decorrentes do contato com outras línguas. Este processo se configura entre grupo dominante e grupo dominado, gerando o que, no Brasil, teria sido uma TLI mais leve, que resultou em apenas uma variedade da língua dominante, a chamada variedade popular, já uma TLI radical possibilita uma nova língua, que seria o crioulo (LUCCHESI, 2019, p. 247-248).

Novamente, ressaltamos a importância de se discutir as possíveis origens da norma popular. Vivemos em um país que ainda insiste em negar o racismo, a exclusão social, a escravidão, pois ainda sustenta uma visão limitada sobre o assunto, já que há uma tendência a considerar aquilo que se constrói nas origens da classe mais popular como incômodo e desnecessário. Muitas vezes, rotularmos a fala de algumas pessoas, classificando-as como ignorantes, que não dominam a norma culta, sem buscar entender que não se trata de “erros” como muitos pensam, mas sim de marcas de uma língua que está sempre em constante evolução.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi desenvolvida a partir de seu objetivo geral , que é compreender de que maneira teses e dissertações sobre concordância abordam os processos responsáveis pela formação do português popular. Já como objetivos específicos buscamos:

- 1 Identificar como teses e dissertações sobre concordância definem o português popular brasileiro;
- 2 Verificar se as teses e as dissertações sobre concordância no Brasil atualmente levam em consideração a linha contatista ou a linha derivista na formação do português popular brasileiro;
- 3 Observar se as pesquisas mencionam a ideia de descrioulização.

Para atingir estes objetivos, as teses e dissertações foram selecionadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)³. A coleta de dados foi feita a partir da seleção de teses e dissertações disponíveis para acesso desde o ano 2014, quando o sistema começou a disponibilizar os trabalhos para *download*.

A pesquisa dentro do banco de teses e dissertações foi realizada a partir da palavra-chave “concordância”, levando em consideração, como já vimos ao longo deste trabalho, que uma das características atribuídas ao português popular brasileiro é a falta de concordância, tanto nominal quanto verbal. Foram utilizados alguns critérios de seleção das teses e dissertações: foram levados em consideração trabalhos que abordam o PPB, trabalhos que tratam da variação tendo o português brasileiro como língua materna e por fim trabalhos que analisam a fala. A partir da adoção desses critérios, foram localizados seis trabalhos, conforme mostra o Quadro 3.

³ O Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES está disponível no endereço eletrônico <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Quadro 3 – Relação dos trabalhos localizados

Trabalho	Título	Autor	Ano	Instituição	Região abrangida pela pesquisa	Tese/Dissertação
T1	A concordância verbal no português falado em Feira de Santana BH : Sociolinguística e sócio-história do português brasileiro	Silvana Silva de Farias Araujo	2014	Universidade Federal da Bahia	Feira de Santana - BA	Tese
T2	Variação na concordância nominal de número no português popular de Vitória da conquista -BA: Contribuições para compreensão da sócio-história do português do Brasil	Maria Aparecida de Souza Guimarães	2014	Universidade do Sudoeste do Estado da Bahia	Vitória da Conquista - BA	Tese
T3	Um estudo da variação no sintagma nominal: A concordância de número em comunidades baianas	Tárcia Priscila Lima Dória	2014	Universidade Estadual de Feira de Santana	Rio de Contas- BA	Dissertação

T4	Por que eles não concorda? Mecanismos de variação na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza- CE	Maria Lidiane de Sousa Pereira	2016	Universidade Estadual do Ceará	Fortaleza – CE	Dissertação
T5	A variação na concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades rurais do semiárido baiano	Siméia Daniele Silva do Carmo	2016	Universidade Estadual de Feira de Santana	Semiárido Baiano	Dissertação
T6	A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do extremo sul baiano: Uma análise sociolinguística de duas comunidades do interior do estado da Bahia	Welton Rodrigues Santos	2017	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Teixeira de Freitas -BA	Tese

Fonte:Elaborado pela autora

Para atingir os objetivos deste trabalho, partimos das seguintes observações no *corpus* sob análise:

- (a) A partir do objetivo (1), foram observados os trabalhos, atentando para identificar como teses e dissertações definem o português popular.
- (b) A partir do objetivo (2), foram verificados quais trabalhos mencionam a linha contatista e/ou a derivista, quais trabalhos defendem cada abordagem e quais nem mencionam o tema. Além disso, foram identificados quais são os argumentos para cada um dos posicionamentos.
- (c) A partir do objetivo (3), foram observados quais trabalhos mencionam o tema descrioulização, quais são contra e quais defendem a ideia.

Os trabalhos foram lidos e analisados primeiramente através de um mecanismo de busca através de palavras-chave: “crioulização” “português popular”, “descrioulização”, “transmissão linguística irregular e “deriva secular”. Na medida em que os termos eram encontrados, eram lidos os capítulos, com foco sempre na seção de resultados. Após a leitura, eram separados todos os excertos em uma tabela onde eram novamente analisados.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante a construção deste trabalho, buscou-se responder como a discussão sobre a concordância, feita em teses e dissertações, pode contribuir para a compreensão sobre as origens do PPB. Para isso, foram localizadas três teses e três dissertações sobre concordância (nominal e/ou verbal). No decorrer desta pesquisa foram observados alguns aspectos com o intuito de responder aos objetivos específicos deste trabalho: definição de PPB, qual linha de pesquisa era levada em consideração, a linha contatista ou derivista, e se a descrioulização era um tema mencionado ou analisado.

A partir do primeiro objetivo deste trabalho buscou-se identificar a definição de PPB. Foi analisado um total de seis trabalhos, e todos definem norma popular brasileira como sendo falada por pessoas que têm pouco acesso à educação, moradores de comunidades isoladas dos meios de comunicação, moradores de periferia que estão na base da pirâmide social. A seguir são apresentados alguns exemplos do que foi encontrado nesta pesquisa.

T5 é um desses exemplos:

A norma popular predomina em ambientes rurais, onde o nível de escolarização é nulo ou baixo. Há também uso dessa variedade nas periferias das cidades, local que, segundo a sócio-história, agregou em primeira instância os negros e afrodescendentes pós-abolição e posteriormente os migrantes do campo para a cidade no período de industrialização e urbanização do país (CARMO, 2016, p. 77).

O exemplo a seguir foi retirado de T6. O autor desse trabalho busca discutir a definição de PPB, através do olhar do linguista Lucchesi (2015):

A seleção dos informantes se deu a partir de critérios pré-determinados nesta pesquisa por se tratar de um estudo que busca capturar o vernáculo de uma camada específica da sociedade, a denominada camada popular. Logo, as características de cunho social dos informantes assumem um papel de relevância na constituição desta amostra. Tomam-se aqui como falantes do português popular os utentes da língua que compõem a base da pirâmide social, isto é, aqueles indivíduos que possuem pouco acesso aos direitos básicos essenciais, assim como aos bens culturais socialmente valorizados, nos termos de Lucchesi (2015) (SANTOS, 2017, p. 53).

Semelhantemente a T6, T1 também define PPB como sendo uma variedade utilizada por pessoas das classes mais baixas:

Traça-se o perfil dos padrões da concordância verbal, objetivando-se discutir a situação sociolinguística atual da comunidade de fala investigada, após a mesma ter passado por uma série de transformações na sua dinâmica sócio-demográfica. Primeiramente, são apresentados os resultados gerais, em que fica evidente a persistência da situação polarizada entre uma norma culta da elite, por um lado, e a norma popular das classes mais baixas por outro (ARAÚJO, 2014, p. 242).

Em outro exemplo, desta vez de T2, o PPB é definido pelo grau de escolaridade dos informantes e também pela questão da localidade onde esses falantes vivem:

Aos informantes do Português Popular, além da caracterização da escolaridade, há uma associação ao espaço em que vivem: meio rural ou meio urbano. Neste, a ocupação habitacional acontece, comumente, nas regiões mais periféricas da cidade. Em Vitória da Conquista, de acordo com o censo de 2010, essa parcela da população com características de idade acima de 25 anos, sem escolaridade ou com o ensino fundamental incompleto equivale a 55,15% da população. Tais associações nos permitem posicionar os informantes do português popular do Brasil às camadas da população brasileira que ocupam a base da pirâmide social (GUIMARÃES, 2014, p. 23).

O exemplo retirado de T4 apresenta definição de PPB através da ótica de alguns linguistas que já vêm desempenhando uma pesquisa significativa sobre esta variedade:

Embora estejamos cientes da enorme complexidade que cerca os conceitos de fala popular no PB, assumimos, para fins metodológicos, que o português popular brasileiro pode ser entendido, a princípio, como o conjunto de variedades linguísticas que tende a ser usado mais frequentemente por falantes sem ensino superior completo e oriundos de zonas rurais ou das periferias dos grandes centros urbanos (LUCCHESI, 2001; BAGNO, 2003; SANTIAGO, 2013) (PEREIRA, 2016, p. 27).

Passemos à análise do segundo objetivo específico deste trabalho, que buscou verificar qual linha de pesquisa era adotada nos trabalhos, a linha contatista ou a linha derivista. Como vimos anteriormente, a linha contatista atribui a origem do PPB à influência do contato com as línguas africanas e indígenas, enquanto a linha derivista se

apoia na teoria de uma deriva secular originada no português europeu arcaico, portanto as variações em PPB ocorreria naturalmente em seu percurso histórico, semelhantemente como em Portugal.

No total de seis trabalhos analisados, cinco (T1, T2, T3, T5 e T6) são a favor da linha contatista. Alguns trabalhos não só defendem aspectos da teoria como também trazem em seus resultados evidências significativas a favor de uma possível influência das línguas africanas, uma vez que algumas dessas comunidades analisadas foram pertencentes a antigos quilombos ou a regiões onde, no período de escravidão, houve uma maior concentração de escravos, como podemos notar em T2:

Desse modo, a frequente presença dos escravos é inegável. Contatos linguísticos entre índios, europeus, no Sertão da Ressaca e, em especial, em Vitória da Conquista, permitindo-nos concluir que a língua falada nesta região é fruto desse contato, com maior frequência, negros e brancos, ou com menor frequência, o caso dos índios. Assim, todos os relatos e dados apresentados até aqui demonstraram a existência dos agentes em contato entre os diversos grupos que constituíram a sociedade conquistense, bem como, caracterizam o português falado nesse município. As condições apresentadas favoreceram à utilização de uma variedade de português em que as necessidades de interação espelham a protolíngua que ora denominamos de Português Popular, já que essa variedade de língua foi se constituindo como elemento de comunicação entre os agentes da sociedade em construção (GUIMARÃES, 2014, p. 27).

Dessa forma, foi possível verificar na fala dos membros mais velhos dessas comunidades traços de natureza crioulezante, assim como os mencionados por Lucchesi (2001; 2009b). Os trabalhos também se posicionam sobre a dificuldade de afirmar que houve realmente uma língua crioula influenciada pela contribuição de africanos e indígenas devido à falta de dados sobre a história externa do Brasil.

O excerto abaixo demonstra um exemplo retirado de T3, cujos resultados apontam positivamente para traços crioulezantes na fala da comunidade analisada, o que comprova mais uma vez que não só a linha contatista tem seu valor defendido nesses trabalhos, como também há indícios que comprovam e motivam a ideia de que a origem do PPB se mostra através do contato e da influência das línguas africanas:

Por fim, podemos concluir, por meio dos dados fornecidos pelo programa e da análise dos mesmos, que a concordância nominal na fala popular de Mato Grosso e Bananal/Barra dos Negros aproxima-se muito de uma língua de “traços” crioulezantes, pois é um fenômeno em variação em Mato Grosso, sendo que a variável marcado é típico

da fala de pessoas mais velhas que tendem a conservar marcas padronizadas da sua língua alvo – o português de Portugal (DÓRIA, 2014, p. 119).

T6 atenta para o fato de que o processo de transmissão linguística irregular tem seu papel importante nos resultados obtidos dentro da comunidade analisada, ao levar em consideração a influência das línguas africanas sobre o PPB, e mesmo leves, esses traços ainda se manifestam na fala popular:

Outro fator que, possivelmente, contribuiu para a localidade apresentar maiores índices de ausência de concordância verbal em P6 é o seu histórico de intenso contato entre línguas, no período da escravidão no Brasil, e possíveis influências de um processo de transmissão linguística irregular que pode ter resultado, no passado, em uma variedade crioula do português (SANTOS, 2017, p. 113)

Dos seis trabalhos analisados, cinco são a favor da linha contatista e um dos trabalhos não defende nenhuma das teorias. É importante destacar que nenhum dos seis trabalhos se mostrou favorável à linha derivista; ela somente é citada na revisão teórica.

O terceiro objetivo consistia em observar se o tema descrioulização era mencionado ou discutido. Os resultados apontam para quatro de seis trabalhos (T1, T2, T5, T6) discutindo o conceito de descrioulização em sua revisão teórica, trazendo citações de autores que mencionam o significado desse conceito. Como não há evidências empíricas de que realmente houve uma língua crioula no Brasil, a maioria dos trabalhos deixa claro que não podem afirmar a ocorrência deste processo descrioulizante nas comunidades analisadas.

Apenas um dos seis trabalhos analisados (T3) atribui seus resultados a um processo descrioulizante, já que nas comunidades analisadas foram encontradas evidências de traços crioulizantes na fala dos membros mais velhos, como é o caso da comunidade de Bananal/Barra dos negros, ainda hoje habitada por descendentes de escravos. Nesse caso em específico, o processo descrioulizante se apresenta na fala dos mais jovens que, com mais acesso à escolarização, estão perdendo esse traço anteriormente passado pelos mais velhos:

A hipótese de Guy (2005) fortalece nossa idéia inicial de que os falantes de Bananal/Barra dos Negros estão adquirindo “traços” descrioulizantes, típicos do português padrão. Isso está refletido em nossos dados, pois a Faixa 1, ainda que de forma tímida, apresenta um nível de concordância, o que não ocorre nas Faixas 2 e 3, já que os falantes mais antigos tendem a preservar “traços” crioulizados da língua (DÓRIA, 2014, p. 110).

T4 apresenta uma breve definição de PPB em todo o trabalho, que analisa a fala popular sem discutir os outros conceitos, crioulização, deriva, descrioulização ou até mesmo a origem desta variedade popular.

Sobre a origem do PPB, a maioria dos trabalhos analisados aponta para uma influência das línguas africanas e defendem, portanto, a linha contatista como teoria predominante. Muitos fatores colaboraram para formação dessa variedade linguística, alguns deles ainda desconhecidos, pois se perderam com o tempo durante o percurso histórico, portanto cabe às pesquisas no meio acadêmico buscar estudar essa variedade popular visto que um total de seis trabalhos, mesmo que significativos, ainda constituem uma pequena quantidade, já que de algum modo somos influenciados diariamente com o contato constante com essas variedades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa foram observados alguns aspectos com o intuito de responder aos objetivos específicos deste trabalho: definição de PPB, qual linha de pesquisa era levada em consideração, a linha contatista ou derivista, e se a descrioulização era um tema mencionado ou analisado. Assim, buscou-se responder como a discussão sobre a concordância, feita em teses e dissertações, pode contribuir para a compreensão sobre as origens do PPB.

Os resultados obtidos sobre a definição de português popular mostram essa variedade como pertencente às classes sociais com pouco acesso à educação e moradores de zonas rurais ou periferias. A respeito das linhas adotadas, constatamos que a linha contatista prevalece e que as definições de descrioulização ainda estão restritas à discussão teórica, já que não havendo indícios de uma língua crioula, não há como comprovar aquele processo.

Todos os resultados são importantes na discussão sobre a origem da norma popular, pois pouco se sabe sobre ela. Outro fator a ser considerado é a importância de se discutir uma variedade menos prestigiada. Sabemos que quem mais sofre com o preconceito linguístico são os falantes dessas variedades. É comum que, em algum momento de nossa vida escolar, tenhamos sofrido na hora de apresentar um trabalho e sido questionados pela forma como falamos, ou até mesmo no dia a dia tenhamos ouvido que um modo de falar é certo e outras formas são erradas, sem entender o contexto em que isso se insere. Os trabalhos analisados trazem um dado importante, segundo os quais falantes mais jovens manifestam mais concordância que os mais velhos. Foi possível verificar o quanto o acesso à educação e cultura letrada são fundamentais. Pesquisar o português popular não descarta o fato de que em nossa sociedade a norma culta ainda será a norma de mais prestígio.

O que se deve entender é que mesmo as variedades populares merecem ter sua relevância discutida, com isso novamente ressaltamos a importância de desconstruir a noção de erro na fala, como se o falante não fosse afetado pelo contexto social e histórico existente.

Não poderíamos concluir esta discussão sem mencionar a contribuição desse trabalho para professores ou alunos que se interessem em conhecer as duas vertentes de pesquisa atualmente no Brasil sobre a origem do PPB uma vez que a variação linguística e nesse caso a variedade popular tendem a não ser levadas em consideração, pois pouco se fala sobre ela e sua origem dentro dos livros didáticos, como já observado. Portanto, ter um trabalho acadêmico trazendo um recorte da historicidade envolvendo esta norma contribui para um melhor acesso dos interessados sobre o assunto, pois há um resumo das teorias que giram em torno do tema, assim como traz dados de pesquisas acadêmicas atualmente no Brasil. Além disso, este trabalho pode ter continuidade em uma pesquisa sobre a fala popular no município de Bagé (RS).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GUY, Gregory Riordan. A questão da crioulização no português do Brasil. *In*: ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005 p. 7-38.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001.

LUCCHESI, Dante. A norma linguística e realidade social. *In*: BAGNO, Marcos. **A linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 63-89.

LUCCHESI, Dante. Apresentação. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.) **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 15-17.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. *In*: LUCCHESI, Dante.; BAXTER, Alan.; RIBEIRO, Ilza(Orgs.) **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 41-71.

LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. *In* :LOBO,T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A. RIBEIRO, S. (orgs). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 249-274.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. Por que a criouliização aconteceu no Caribe e não no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos. **GRAGOATÁ**, v. 24, n. 48, p. 227-255, 2019.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. *In*: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-14.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria M. P. Sobre as origens do Português popular do Brasil. *In*: NARO, Anthony; SCHERRE, Maria M.P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007a. p. 25-47.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria M. P. Concordância Variável em Português: A situação no Brasil e em Portugal. *In*: NARO, Anthony; SCHERRE, Maria M. P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007b. p. 49-69.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria M. P. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro. *In*: NARO, Anthony; SCHERRE, Maria M. P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007c. p. 135-159.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Norma e condescendência: ciência e pureza. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 2, p. 49-68, 1998.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. *In*: ROBERTS, Ian.; KATO, Mary. Aizawa. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 97-130.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

VIEIRA, Sílvia. A não concordância em dialetos populares: uma regra variável. **Graphos**, v. 1, n. 2, p. 115-133, 1997.

REFERÊNCIAS DO *CORPUS* DE ANÁLISE

ARAÚJO, S. **A concordância verbal no português falado em feira de Santana BH : Sociolinguística e sócio- história do português brasileiro.** Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2014.

CARMO, S. **A variação na concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades rurais do semiárido baiano.** Dissertação (Mestre em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana-BA, 2016.

DÓRIA , T. **Um estudo da variação no sintagma nominal: A concordância de número em comunidades baianas.** Dissertação (Mestre em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana- BA, 2014.

GUIMARÃES, M. **Variação na concordância nominal de número no português popular de Vitória da conquista -BA: Contribuições para compreensão da sócio história do português do Brasil.** Dissertação (Mestre em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,. Vitória da Conquista-BA, 2014.

PEREIRA, M. **Por que eles não concorda? Mecanismos de variação na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza- CE.** Dissertação (Mestre em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará. São Fortaleza-CE, p. 2016.

SANTOS, W. A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do extremo sul baiano: Uma análise sociolinguística de duas comunidades do interior do estado da Bahia. Dissertação (Mestre em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG. Belo Horizonte, 2017.